REVISTA UNIVERSAL.

N.º 4.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 27 de Janeiro de 1842.

A redacção da **REVISTA UNIVERSAL** acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 19 ATE 25 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.º Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minm.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
19	41º	48º	762,0	759,8		NE²	Claro, frio, e seco — Geada de madrugada.
20	34	55	60,4	59,0		B. V.	Id. Id., e forte geada de madrugada — Coberto, claros, e horisonte vaporoso.
21	41	54	63,5	63,1	1	N.	Cob.º, algum chuvisco, e claros — Claro e frio.
22	43	59	65,6	64,8		NO. O	Cob.º, e algum claro — Claro e alguma nuvem: humido.
23	50	58	65,7	63,0	½	¹SO²	Cob.º, e tenues chuviscos — Tepido e mº. hum.
24	52	61	63,7	62,0	1	SO¹	Nevoeiro denso de m. — Cob.º e chuv. — Id.
25	52	59	62,4	61,1	3	SO. NO.	Chuva de madrugada — Cob.º e claros. — Id.

Os frios rigorosos deste mez cessaram a 22, dando logar a uma temperatura macia com o ar muito humido e pequenas chuvas. Continuão a mencionar-se os notaveis estragos feitos pela terrivel tempestade de 14, e 15, tanto nos arvoredos como nos edificios. Consta que nos pinhaes do Estado foram despedaçadas ou abatidas 3 a 4 mil arvores, sofrendo iguaes prejuizos os pomares e olivaes mais expostos á direcção dos tufões. A tripulação das embarcações arribadas com grandes avarias declára que a tormenta aguentada no alto mar fôra das mais violentas.

M. M. F.

REVOLUÇÃO AGRICOLA.

40 **R**ECEBEMOS de pessoa, que muito respeitamos, um excellente artigo trasladado da Phalange (jornal de Brest) riquissimo de novas, e bem fundadas observações geologicas, phisiologicas, e botanicas. Fòra um grande roubo feito ao publico, e aos naturalistas do nosso paiz, se fielmente lhes não entregassemos tão bom presente: mas vimo-nos forçados a cortar (e com dor o fizemos) a primeira parte deste artigo communicado, por versar toda sobre = a nova e estupenda creação de trigo = de

que já em o artigo 26 do 1.º volume deste jornal démos sufficiente noticia a nossos leitores; posto que então nos mostrassemos um pouco duvidosos ácerca dos grandes resultados, que se annunciavam, deste novo systema de cultivo, que nos pareceo apenas prestavel para alguma pequena experiencia; mormente em o nosso paiz, aonde ao presente não se colhem tão sobejamente palhas, fenos, e pastos seccos para os gados, que deste mister, em que são consumidos, e para que ainda não são bastantes, se possam distrahir para aquell'outro com a sufficiencia, que pede uma boa sementeira.

Lembramos a nossos leitores o que já dissemos, sobre este novo methodo de semear trigo sem terra, nem arado, cobrindo-o apenas sobre qualquer logar, aonde seja lançado (e até sobre uma chapa de vidro) com uma cama de palha de pollegada d'altura, e que a elle refiram esta parte do artigo communicado, que segue:

» Nós explicâmos (dizem os authores das experiencias, Paillard, e Bernard) a influencia do nosso processo, sobre a vegetação, da seguinte maneira:

Sendo a palha um muito mau conductor do calorico, e muito bom da electricidade, por este modo, conserva o pé da planta em um estado de temperatura media, e de *excitamento* electrico, circumstancias muito favoraveis ao desenvolvimento. — Sendo assim conservada a humidade no sólo, é por meio della mui facil á planta o absorver o gaz acido carbonico da athmosféra.

Por esta fórma, se acha o pé da planta bem supprido de hydrogenio, e de carbone, seus principaes elementos, os quaes passando pela raiz para a haste em combinação com o oxygenio, são convertidos em substancia, e apropriados pelo vegetal, que apenas exhala a final este ultimo pelas folhas. — A palha cede lentamente os seus principios, que são os mesmos que devem compor a nova planta; como por exemplo a silicia, que esmalta o exterior da canna; e a sua decomposição se desenvolve na rasão das precisões da nova planta, que ella abriga e nutre de tal modo, que as quatro phases da fermentação, isto é, a sacharina, alcoolica, acida, e putrida, correspondem ás quatro idades da planta — infancia, adolescencia, virilidade, e decrepidez.

Notámos que estes trigos apenas tinham algumas raizes, curtas e duras, á semelhança de pé d'ave, o que concorda com a observação de Raspail = que as mais vigorosas plantas são as que têm as raizes menos cabelludas; por isso que não sendo as forças divididas, todas se accumulam no corpo.

Debaixo da palha, toda a vegetação parasita desapparece, por ella suffocada.

Mais observações teriamos ainda que fazer; mas serião fastidiosas, e por ventura mal cabidas em um artigo de jornal; e por isso sómente acrescentaremos, que estamos dispostos a responder a todas as explicações, ou objecções que nos forem dirigidas, ou pedidas.

Por ora basta que se prove que a cultura dos cereaes pelo nosso methodo, tão facil, e que por toda a gente, com incrivel economia de tempo, trabalho e cabedal, póde ser praticado, substituirá as enfadonhas lavouras e amanhos, estrumes, gradar, mondas, ceifas, debulhas, e em uma palavra, a longa serie de trabalhos excessivos, penosos e repugnantes, indispensaveis na cultura actual.

Pelo nosso methodo terão logar os trabalhos pela seguinte ordem:

1.º — A ceifa — que se fará em pé cortando as espigas o mais alto possivel, o que com facilidade se effeituará por meio de alguma especie de tesoura convenientemente ligada a um saco, aonde pela unica operação do córte, vão logo caindo as espigas — Este trabalho tão facil, e tão pouco fadigoso, póde ser feito por mulheres, seguidas de uma linha de creanças, que recolham as espigas, que estejam mais baixas, e que tenham escapado ao primeiro córte.

2.º — Deitar e acamar a palha, ou hastes (restolho) que ficaram em pé; trabalho que bem, e facilmente, se fará por meio de um rolo, tirado por homens ou animaes.

3.º — Debulhar — que se fará commodamente por meio de alguma das machinas conhecidas.

4.º — Escrivar para separar os melhores grãos, que servirão para semente.

5.º — Semear estes grãos, metendo-os debaixo da palha, — o que se conseguirá por meio de uma batida, como a do mangoal; ou então fazendo-os penetrar pela palha com o semeador de canudos, como o de Touboulic, engenheiro mechanico. — E deixar o resto ao cuidado da natureza. ¿ Será preciso depois disto, insistir ainda em demonstrar a immensa economia de tempo, força, e dinheiro, que deve resultar deste novo processo de cultura?

Se encararmos por outro lado este systema, será palpavel o resultado, que elle deve ter sobre o equilibrio da temperatura. — Não ha duvida, de que a devastação das mattas das montanhas é a causa dos rigorosos invernos que padecemos, da irregularidade da temperatura, e das inundações, que tão frequen-

temente se repetem. — E tambem não se póde duvidar, de que o modo de cultura actual, influa muito na successão periodica destes flagellos, que nos vexam. — ¿Em que épocha têem mais particularmente logar as grandes chuvas, os granisos, as tempestades, que devastam a terra? Pelos equinocios. Do equinocio do outono ao da primavera immensas porções de terreno se acham inteiramente descubertas. O arado e a enchada por toda a parte revolvem a terra nessa épocha; e o menor resto de vegetação a mão do homem o faz desapparecer, enterrando, ou arrancando com o maior cuidado a minima herva, e o tenue restolho. — Então, a terra nada tem que a abrigue da activa acção do ar, que em seu incessante movimento lhe arrebata todo o calor, e toda a humidade. — Por seu turno ella tambem influe na atmosféra; o que nos traz as perturbações, e intempéries excessivas, que, mais do que se cuida, influem poderosamente sobre a nossa felicidade e existencia.»

(Relêde e estudai o nosso artigo 26 do 1.º volume.)

PRESERVATIVO CONTRA AS MOLESTIAS DO TRIGO.

SÃO PEDRO DO SUL.

41 O artigo 279, do 1.º volume deste jornal, terminou por pedir aos lavradores do nosso paiz nos informassem de como lhes provava o methodo de preparar o trigo para as sementeiras, por meio da infusão aconselhada pela Revista de Galliza, donde o trasladámos. Não foi em vão que fizemos tal supplica; porque logo foi attendida, como requer materia tão principal entre nós, que por ultimo desengano nos vamos tornando á agricultura, que, em tão abençoada terra, como esta nossa, devêra ser a primeira industria, ainda quando por outros meios podéramos grangear nossa subsistencia, e engrossar nossos cabedaes; quanto mais agora, que é tal nossa desventura, que tudo nos corre tão avêsso, que não ha ahi mais que ver, senão olhar pelo que em tal apuro nos resta; o nosso torrão, tão rico, e tão fertil.

Agradecendo pois a um dos nossos correspondentes de São Pedro do Sul, mais o bom serviço, que com sua informação faz ao nosso paiz em materia que tanto monta para a publica utilidade, do que a attenção, que prestou ao nosso peditorio, publicaremos a sua correspondencia.

—» O methodo de preparar o trigo, para ser semeado, e extrahido da Revista de Galliza, é já muito usual nesta Fréguezia de São Pedro do Sul, e por elle se têem conseguido os melhores resultados, e proveito tão visivel, que quem o experimenta pela primeira vez, o fica repetindo todos os annos. Muitos dos lavradores estavão por aqui desanimados com a diminuta producção, e sua má qualidade; mas, haverá seis annos, usando com pouca differença d'um igual methodo, cuja noticia foi encontrada em uma obra franceza sobre agricultura, têem sido tão animados com os bons resultados, que a actual producção do trigo é um dos artigos principaes da nossa agricultura. A pequena differença consiste em conservar apenas por meia hora o trigo na infusão, ou barrela de cinza, e alguma cal, quando está ainda morna, e no seguinte dia é semeado. — São Pedro do Sul 14 de Janeiro de 1842.»

Francisco Xavier de Moura Coutinho.

P. S. Fundados no que nos diz esta correspondencia, insistimos em recommendar a nossos lavradores o uso do facilimo methodo de medicar o trigo que tem de ser semeado; ou como o indicámos em o citado artigo, ou pela forma supra mencionada; pois de todas as infusões, e preparações, com que se costumão temperar as sementes, para serem lançadas á terra, este, segundo nos parece, é o mais prompto, facil, e economico meio.

A Redacção.

A MELHOR MANEIRA D'ESTRUMAR AS TERRAS.

FRANÇA.

42 Por longo não traduzimos por inteiro o interessante artigo da Revista Encyclopédica de París ácerca do méthodo mais proveitoso de adubar as terras com o estrume; porém delle iremos extrahindo em substancia o que nos parecer mais essencial. Gazzeri havia, ha poucos annos, demonstrado a utilidade, e a grande economia agricola, que se consegue em temperar as terras com o estrume, antes de começar nelle a fermentação. Suas rasões fundadas em principios chymicos, geológicos, e botanicos, prenderam a attenção de muitos sabios, que se dão ao importantissimo estudo da agricultura. O jornal d'agricultura prática publicou, e recommendou, as considerações daquelle instruido agrónomo. O congresso scientifico de Piza, Crud, e Ridolfi, deram o devido louvor em seus escritos a este demonstrado, e experimentado meio, de melhorar o mais precioso ramo de industria. A fermentação dos estrumes, por onde se esvaecem, e perdem de todo, os

principios, e substancias, mais uteis á producção vegetal, se deve evitar com toda a cautela, mórmente nos escrementos animaes, fazendo-os expôr immediatamente ao ar, e conservando-os espalhados em camadas pouco altas: nem é necessario augmentar-lhes o volume com a mistura de palha, feno, ou mato; porque estes ingredientes não se reduzem sem a fermentação, e putrefacção, a um estado, em que possam encorporar-se com aquelle adubío; porém com elles será conveniente formar uma cama, sobre a qual se vão estendendo os estrumes para melhor seccarem, e escaparem assim á fermentação. O estado mais conveniente de os empregar, é quando se acham inteiramente enxutos, e até reduzidos a pó. Uma pequena quantidade neste tempêro prova melhor do que grandes farturas d'estrumes fermentados, humidos, e recosidos, aonde já é inteiramente perdida toda a virtude fecundante, e sómente resta um volume, e enorme quantidade de substancias inuteis, e difficeis de serem transportadas. Uma arroba de pó d'estrume animal val muito mais, que muitos quintaes d'aquell'outro.

Segue depois destas considerações um calculo exactissimo das economias, e proveitos, que vem á agricultura por este modo de empregar os adubíos em seu estado mais proprio; já pelo que se poupa na quantidade, e nos transportes, já pelo muito que cresce a producção das sementeiras. E' isto em resumo quanto nos parece bastar, para que os nossos agricultores possam utilisar-se de experiencias, e estudos, que devemos julgar de muita auctoridade, e de grande beneficio a esta classe, a mais acrédora dos nossos desvelos; e para que, ao menos na parte em que lhes fôr possivel, façam alguma experimentação; pois que havemos observado frequentes vezes as difficuldades, e grandissimos apertos, com que se afadigam, e atormentam os nossos lavradores, em cata da immensa quantidade d'estrumes, de que suas terras carecem para serem temperadas pelo antigo methodo, ficando não poucas sem cultura, e sem producção, pela mingua de adubíos, apezar de serem acrescentados com fenos, palha, e outros pastos, que são roubados ao sustento dos animaes, e a outros usos indispensaveis; o que por ventura se poderá evitar pela fórma indicada, com tão boa prova, na Italia, e na França. F. M. P. S. N.

MODO DE ENDURECER AS VELAS DE CEBO NO VERÃO.

43 O uso da pedra hume, e o branquear o cebo em logares sombrios e humidos, são de todas as receitas as mais efficazes para alcançar este fim. Todavia uma pequena porção de sulphato de zinco (capa roza branca) ou de acetato de chumbo (sal de chumbo, ou de Saturno) impede tambem que as velas se amolleção, e faz com que ardão por mais tempo sem se derreterem.

RECEITA PARA EVITAR A FERRUGEM NO AÇO.

INGLATERRA.

44 Os cutileiros inglezes empregão para este fim o méthodo mais simples que se póde imaginar: consiste em esfregar os objectos com cal virgem em pó, ou mergulhal'os em agua de cal.

METHODO

facil para distinguir o arsénico do antimónio por meio do nitrato de prata ammoniacal.

45 Publicou recentemente Marsh um artigo, em que affirma, que o apparelho por elle inventado, (e a que deu seu nome, *apparelho de Marsh*), empregado hoje com tanta vantagem para reconhecer a minima quantidade d'arsenico nos casos de envenenamento por esta substancia, pode servir para distinguir o arsenico do antimonio, pondo em execução o processo, indicado por Hume, para reconhecer o arsénico por meio do nitrato duplo de ammoniaco e prata; eil'o aqui.

Humedece-se um pedaço de vidro, de porcelana, ou de mica, com a dissolução do sal de prata ammoniacal, e põe-se horisontalmente a parte humedecida diante do jorro d'hydrogenio inflammado, que sahe do apparelho, conservando-a em cima da chamma, a meia pollegada de distancia; se houver arsénico na mistura, produz immediatamente uma côr amarella de limão, bem conhecida como caracteristica deste metal; mas se pelo contrario houver antimónio, formar-se-ha um precipitado branco, em fórma de coágulo: finalmente, se na mistura que se examinou não existir nenhum dos dois metaes, o hydrogenio reduz immediatamente a prata ao estado metallico.

Affiança Marhs que esta prova, apezar de parecer delicada, dá resultados tão evidentes, e exactos, que pode satisfazer os experimentadores mais escrupulosos, e permitte denunciar as minimas porções de cada um

dos metaes venenosos, o que muito deve interessar á Medicina legal, e Toxicologia.

A. J. de S.

OUTRA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, E A'S MAIS DO REINO.

46 Em o nosso artigo n.º 257, do tomo precedente, fallámos de uma sociedade organizada em Trancozo, para a plantação, e conservação das arvores, e ora nos apraz expôr algumas observações sobre o mesmo objecto, de summa importancia.

As arvores são da maior utilidade em cidades populosas como Lisboa; pois têem a propriedade de regenerar o ar que respiramos, absorvendo o gaz acido carbonico (que se exhala de todas as materias no estado de fermentação), e exhalando o oxygenio puro. Muitas das nossas terras do Douro, Beira Baixa, e Alemtejo — e principalmente das margens do nosso rio — são insalubres, e costumão ser invadidas na estação calmosa por mortiferas epidemias, e especialmente cesões; havendo-se observado que depois de ali se haverem cortado a maior parte das arvores é que tem grassado maior numero de similhantes molestias.

O clima da Beira Baixa, e Alta, tornase em alguns sitios incomportavel no verão por falta de arvores. Um espirito, que bem se podéra chamar de barbaria, tem por ali feito cortar umas, queimar outras, o que, junto á extrema negligencia de fazer novas plantações, torna inhabitaveis bastantes villas e aldêas.

Em certas ruas e praças de Lisboa serião mui convenientes as arvores, pois, além de servirem de beneficio á saude publica, embellezarião os logares em que fossem plantadas: um d'estes seria o *Terreiro do Trigo*, onde uma carreira de arvores, junto aos frades de pedra que vão de nascente a poente, tornaria mais agradaveis os chafarizes, e tanques, que ficão ao pé do *Terreiro*; transformar-se-hia assim este sitio em um passeio publico dos mais agradaveis, por estar muito abrigado do Norte, que é o vento que mais incommodo causa no verão pelos passeios de Lisboa.

Bem pequena despeza seria necessaria para concluir estes trabalhos, empregando nelles os prezos do Limoeiro e Cova da Moura, que abririão covas grandes, e largas, para que as raizes se estendessem, e dilatassem á vontade, sem obstaculo de pedras, ou terra dura, que estorvasse á vegetação. Os entendidos n'esta materia dizem que estas covas devem ser iguaes em largura ao comprimento dos ramos quando as arvores estão crescidas: seja ou não exagerada esta asserção, certo é que os terrenos em que se plantão arvores devem ser bem revolvidos, e a terra bem roteada, tirando-se-lhe para esse fim as pedras, raizes velhas, tudo quanto emfim possa oppor-se ao desenvolvimento, e crescimento, das arvores. Ao plantarem-se estas devem as raizes ser bem divididas, e separadas em diversas direcções, pondo-se no fundo da cova terra vegetal e nutritiva. Tambem será conveniente regar primeiro o lugar em que assentarem as raizes, bem como a primeira camada de terra com que se cobrirem. Tão escrupulosas precauções na plantação têem dado por immediato resultado ao Snr. João Evangelista ver vingar, e florecer, as arvores da sua quinta de S. Pedro de Cintra, sem que uma só haja deixado de pegar e prosperar.

Para encher as covas, muito bem se pódem empregar os immensos entulhos, e lixos, que os carros da limpeza extrahem das ruas, o que muito convém para que as arvores em pouco tempo se desenvolvão e cresção; por isso é que as covas devem ter sufficiente profundidade para grandes porções de entulho e materias fecundantes.

Parece-nos que a Camara deveria mandar vir do seu viveiro do Campo Grande os plátanos, e demais arvores, que tiverem já oito ou dez annos, afim que em breve possamos colher os beneficios que de tal proposta devem necessariamente resultar; e a capital, tão embellezada de alguns annos para cá, nos offereça na primavera deliciosos aromas, e na canicula o abrigo de amenas sombras.

O terceiro tratado de *Raspail* sobre arvores, ha pouco traduzido, e augmentado com magnificas notas, pelo Snr. Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo, deve ser consultado por todos os que fizerem plantações d'arvores; julgamos todavia haver apontado as principaes idéas que em semelhante objecto se devem ter presentes.

C. X. P. B.

PROJECTO

De uma ponte no caminho de Mafra a Chelciros, a qual encurtaria uma legua na estrada de Mafra á Capital

PREAMBULO.

47 O torrão de Portugal, que aos melhores da Europa se avantaja em força productiva, manteria um dos mais ricos e civilisados povos do velho continente, se na sua cul-

tura se adoptassem os bons methodos, se suas producções, assim obtidas, circulassem facilmente de uns para outros districtos, e se o que sobrasse do consumo, fosse facil e livremente levado aos grandes mercados, aonde se extrahisse.

Com a cultura de que é susceptivel este sólo, com boas estradas seccas e fluidas, sem as quaes não ha melhoramento possivel, com a marinha mercante, que pedem os muitos e seguros portos de sua orla maritima, Portugal de 4½ milhões de habitantes actualmente, subiria a 8 e mais, se fosse povoado, como a provincia do Douro.— Por falta de bons methodos de cultura, que, ao passo de augmentarem a producção, encurtão a despeza, pouco mais do terço do terreno é hoje cultivado, podendo ir a dois terços; e o producto liquido, que no torrão ingrato da Inglaterra dá 10 por 1, no de França muito melhor desce para 6, e na Italia rende 5, em o nosso paiz produz apenas 4½, com um sólo muito mais fecundo, que o de qualquer dos tres paizes.—A falta d'estradas faz que na provincia d'Alemtejo (com rasão chamada o celeiro de Portugal) por vezes acontece deitar o lavrador o gado ás seáras, por não esperar da venda do grão com que inteirar-se da despeza da ceifa.

Sem marinha mercante, o que sóbra ao consumo do anno deixa de ir buscar valor aos mercados distantes, e reduz-se a vil preço no paiz, condemnando muitas terras fracas a ficar de pouzio por um ou mais annos.

De todos os caminhos de Portugal os de maior importancia são os que conduzem ás duas capitaes, Lisboa, e Porto: são os escoadouros para quanto sóbra ao consumo local, na distancia de muitas leguas em torno.— Do sul, vindo de Alcacer, e suburbios, pelo Sado; de leste, chegando de Thomar, Torres Novas, Golegã, e Barquinha, pelo Tejo; do norte, e noroeste, caminhando desde os bellos districtos de Alcobaça, e Caldas, toda a casta de fructas verdes e seccas, infinita quantidade d'aves domesticas, muita carne de fumo, carvão, immensa louça de barro, e mil outros productos, sem preço em localidades taes, vem buscal'o a Lisboa, aonde, cambiados por generos de extracção estrangeira, tornão a prover os lugares donde sahiram, levando um excedente em capital para os avanços.

Ao que vem a Lisboa do norte e noroeste, duas estradas se abrem de igual extensão — uma pelas Caldas até ao Carregado, aonde vem o Tejo; outra, por Obidos e Torres Vedras, encaminha a Lisboa.

A 1.ª, arruinada ha muitos annos, d'inverno é quasi impraticavel.

A 2.ª, sahindo das Caldas para Torres, corre seis leguas de um terreno de charneca muito igual até á ultima villa; mas dahi a Lisboa, a estrada é uma calçada arruinada até á Cabeça de Montachique, e tem de se cavalgar duas serras, que dão cabo de animaes, e conductores.

Afóra estas duas pessimas estradas ha uma terceira por Mafra, mais longe, que qualquer das duas, uma legua ordinaria, mas muito melhor conservada desde o Livramento, ou legua e meia depois de Torres.

Sendo possivel encurtar esta legua, o mais commodo caminho para os que transitão o norte, e noroeste, desde Alcobaça até Lisboa, seguiria por Mafra.

A legua para encurtar neste caminho é a que leva de Mafra a Cheleiros. Esta immensa legua de calçada corre, ao sahir de Mafra, toda a leste, buscando a reunião de duas montanhas, que, vindo d'oeste, parallelas, formão entre si um profundo valle, que separa Mafra do terreno fronteiro.

Poupava-se esta legua quasi inteira, por meio de uma ponte que passasse o valle. A disposição do terenno de uma e outra encosta convida a esta empreza. As pontes do Cuco, e Cudaoçal, na estrada ao norte de Mafra, reunem, cada uma, duas collinas, e em ambas o angulo da abertura é muito mais largo, que o das encostas da projectada ponte.

Ao sahir de Mafra, cara feita ao sul, vai dar-se a poucos passos a uma descida mui suave, que, alongando-se muito sobre o valle, termina em uma borda quasi vertical, e dando a mão a outra semelhante, na collina fronteira, segue o rumo do sul por uma garganta, e topa com um terreno muito facil, que leva mesmo junto de Cheleiros. Um observador situado no ponto dominante da garganta, vê passar por cima da cabeça o raio visual de Mafra a Cheleiros. Uma estrada por esta direcção reduzirá a um quarto a trabalhosa legua entre as duas villas.

A despeza com esta ponte, e abertura da estrada, de um e outro lado, pode, quando muito, subir a 16 contos de réis; e a barreira, calculada pela frequencia actual do caminho, nunca pode descer, mesmo muito pelo baixo, de 6 contos.

A frequencia calculada fracamente dá 35 mil viventes, homens, e animaes (sem fallar nos carros e carroças) indo, e voltando, além de Mafra, o que avulta em 70 mil passagens no anno; e 35 mil outros, vindo, e tornando, áquem de Mafra, annualmente, e ahi temos outras 70 mil passagens. Toman-

do um termo medio no diverso custo da barreira, em 40 rs., as 140 mil pagas darão 5:600$000 rs. Este termo medio é calculado pelo preço mais baixo da barreira, que deverem pagar os diversos serviços.

Não deve occultar-se que além da concurrencia habitual da estrada, faz-se na villa em todos os domingos do anno uma feira de trigo, que um mez antes, e seis depois da colheita, convida a muita gente: o paiz junto a Mafra, para o noroeste, produz cereaes em grande fartura; e com as arrotêas, que agora se fazem de muitos baldios, cresce a população com uma rapidez de não haver exemplo no paiz: a freguezia de Mafra, ha poucos annos de 800 fogos, vai passando de mil. Deve-se este beneficio á extincção dos foraes, das jugadas, e das milicias.

Resta tirar a duvida de que os passageiros acudão á ponte, pagando, e deixando a estrada do rodeio, que lhe continúa de graça. O que se andará de menos pela ponte serão 3 grandes quartos de legua, e esta economia todos quererão fazel'a. Uma experiencia existe do tempo em que se abrio a porta da Murgeira, e a da Vermelha da Tapada. Os que passavão de uma a outra, fasião uma economia de caminho, que não era a quinta parte da que se fará pela ponte; e todos quizeram pagal'a; e pagarão tambem a da ponte, que, fazendo abreviar tanto caminho, não custará o dobro da primeira.

Com a ponte, a distancia de Cintra a Mafra ficaria um salto, e de ambas as villas igual a distancia á Capital. Uma legua de menos no caminho de Lisboa a Mafra, traria multidões a gozar da vista do seu grande monumento na bella estação; porque é de declarar que nenhum dia enxuto e ameno se passa no anno que não concorrão hospedes a Mafra a admirar esta famosa construcção. E quando se tornar usual a carreira de tudo quanto ganhará em passar em Mafra para Lisboa, e por Mafra para o norte e noroeste, tornar-se-ha esta villa uma rica e florente cidade, mais bella que Versailles, que Potsdam, que Windsor.

Projecto.

1.º Reunir-se-hão 800 acções de vinte mil rs..

2.º Será seu deposito no Banco, ou em outra casa, onde se convencione sobre os juros durante o intervallo da reunião.

3.º Prehenchido o numero, escolher-se-ha uma meza de direcção. Nella serão recebidos os moradores de Mafra que possuirem até 10 acções, e os individuos de fóra que entrarem com 30 ou mais, tendo conta em preferir as pessoas mais capazes.

4.º Pedir-se-ha ás Côrtes uma barreira.

5.º A meza administrará a renda da barreira, e será renovada a cada semestre. As mezas de maior duração offerecem inconvenientes.

Mafra 23 de Abril de 1841

O Membro da Commissão do reparo das calçadas.

Francisco d'Assiz de Castro.

FOGÕES PARA SALAS.

43 Em muitas das casas grandes de Portugal, e ainda em Lisboa, se encontram vestigios de vastas chaminés, destinadas a agasalhar as salas durante os rigores do inverno: mas aquelle bom uso, bom para a saude, e para os costumes bonissimo, insensivelmente se foi perdendo; chegou a desapparecer das cidades; e, em nossos dias, quasi que só nas villas e aldêas da Beira Alta, do Minho, e de Traz-os-Montes, se podem encontrar as familias alégremente reunidas em tôrno do fogo; em brazeiros portateis, nas salas dos mais ricos; nas casinhas e choupanas dos pobres, em volta da lareira da cosinha. ¿Quem não tem experimentado a indefinivel suavidade dos colloquios intimos, bordados a espaços daquellas memorias velhas, que de pais a filhos se vão, como relicarios, conservando, e matizados de mil aureos e resplandecentes castellos no ar, em que os desejos de cada um, e de cada uma das circumstantes, tão facilmente se convertem ao calor magico de um fogo domestico por uma geosa manhã de Janeiro, por uma tarde ventosa e inhospita, ou por um espaçoso serão, tão palrado e rido por dentro, como arrepiado, estrepitoso e turbulento lá por fóra? quem não presenciou, como n'essa estufa ócio e trabalho egualmente se copam de flôres de alegria; como reverdecem e se entrelaçam a amisade e o amor; como fructificam todos os affectos benevolos? Quem duvída, que jámais a essas portas não bateu mendigo encolhido da estação, e dos annos, que o velho o não mandasse entrar, como a irmão; ou criancinha nua e tranzida, que as criancinhas, as mâis, e as raparigas lhe não dessem alvoroçadamente o melhor logar; o não beijassem; lhe não aquecessem ao seio as mãosinhas regeladas; e o não fizessem de repente rir e fallar alto como filho mais novo da

familia? Então a caridade, desenvolvendo-se com abundancia e luxo, vai condoer-se até da arvore solitaria, que ao longe se enxérga, despida de suas galas no cabeço açoitado dos ventos; do passaro, que atravessa os ares desertos, espavorido e sem rumo; da sentinella, que a imaginação vai descobrir immovel, e coberta de neve, como uma estatua, ás portas de um palacio; do correio, especie de ermitão ambulante, que passa a vida a sós comsigo, e que, pondo em mutuo commercio os corações auzentes, vive sequestrado de todas as delicias da sociabilidade; emfim, do mareante, que lá se vai sacudido pelas ondas, jogado pelos ventos, ameaçado pelas carrancas do céu, correndo por cima de um sepulchro sem fim, para uma terra estrangeira, e em cujo coração a cada balanço do lenho acordam e gritam mil saudades escondidas, como em ninho de arvore revolvida da viração, acordam e se debatem avesinhas, que se não podem valer, e não têem mãi.

Com rasão em sua ignorancia adoraram os Persas ao fogo; com rasão o sagraram os Romanos perpetuo á Deusa Vesta, creadora de todas as coisas; com rasão, quasi sempre, e em toda a parte, o associaram ás festas, e em toda a parte, e sempre, ás cerimonias assim dos falsos, como do verdadeiro culto. Porque o fogo, de que Deus fabricou as estrellas para a noite, e o sol para o dia, para a primavera, e para o verão, o fogo, de que nos deixou a semente dentro nas pedras, e invisiveis e inexhaustos depositos nas arvores, que ataviam a terra, e nas minas de carvão, que a rechêam, o fogo, origem da luz, que alegrou ao seu proprio Criador, e origem do calor, que mantem a vida, é uma coisa boa, santa, e indispensavel: e o mais terrivel pensamento do terrivel Byron foi aquelle sonho, em que o mundo se lhe representou privado do fogo, como um corpo despojado da alma. Mas cassemos as vélas á poesia, e tratemos do nosso assumpto, como bem cabe, chã e cazeiramente; no estilo emfim, em que se costumam tecer as praticas ao canto do fogo.

Era aquelle uso dos fogões, bom para o coração, já o nós dissemos, e bem no entendiam os antigos, que o accendiam nas salas dos banquetes sobre a ara da hospitalidade; era bom para o espirito, que, por sua não sei que affinidade com o vivido, esplendido, e revoluvel das chammas, se reforça, e remonta na presença d'ellas: os auctores dos contos persicos, o Ariosto, o Ovidio, o Lafontaine, e os criadores daquellas risonhas fabulas dos gregos eram, indubitavelmente, grandes devotos e freguezes da lareira.

Mas a mais passam ainda suas excellencias, pois que até para a saude e conservação de nossos corpos, por summamente efficaz vol'o recommendarão todos os bons phisicos. Ora, se espirito e coração nem a todos os bípedes implumes os fiou Deus, corpo, ao menos, todos o têem, ninguem o nega; e rarissimos deixarão de o apreciar devidamente.

Sendo pois coisa provada, como é, que de muitas molestias é o frio semeador, e aggravador de quasi todas, segue-se, por boas contas, que o fogão, que de nossas vivendas o affugenta, é um verdadeiro altar consagrado ao genio tutelar da saude; e que o pequeno sacrificio, que de nosso cabedal nos haja de custar a manutenção do seu culto, bem compensado ficará com os seus milagres sobre nós liberalisados. Aqui tomará na mão a penna algum velho avarento e rheumatico para calcular, como refutação ao nosso alvitre, a importancia de um fogo aturado, como as longas horas do inverno, e sem o qual tantas pessoas têem podido viver, e vivem largos annos; nós, que sobre a pedra bem tépida do nosso fogão, estamos rabiscando estas linhas, e talvez lhe devemos o não padecermos de rheumatismo, temos caridade para com todos, e até para com tal *Harpagão*; caridade, que, se nos não enganamos, é este mesmo fogo, quem agora nol-a está alimentando: a essa preparada refutação não deixaremos pois de responder; a resposta é simples, e eil-a aqui: antes dar algum cobre mais ao lenhador indigente, que desenterra a cêpa, ou ao barqueiro semi-nu, que pelas manhãs nevosas nol'a vem lançar ás portas, do que pagar com oiro ao pharmaceutico as suas drogas de ambos os hemisphérios, tão pomposas nos titulos, e tantas vezes fallidas nas virtudes. Viva ou reviva pois o fogo. Tornem com as renascentes modas dos nossos avós, e tão abonadas da experiencia dos seculos, as chaminés, mananciaes de saude, de contentamento, de sociabilidade: e já que sem auctoridade de estrangeiros não ha suasória, que valha para a nossa boa gente, imitemos n'isto toda essa Europa desde os Pyrenéos até aos brancos e amaldiçoados desertos da Siberia. Sim temos, mercê de Deos, um clima, não barbaro, como o de tantos outros povos; mas n'este clima ha tambem inverno, e postoque não ladrilhado e esmagado de neve, nós, quasi só feitos ás primavéras e verões, que até por nosso inverno se entretecem, mais padecemos em um só dia delle, do que em um, ou muitos mezes, o parisiense, o londrino, ou o moscovita, que só atravez de suas duplices vidraças o descortinam.

Se as grandes e pomposas chaminés não são para os haveres de toda a gente, os pequenos fogões de loiça, ainda porventura mais saudaveis, podem tornar-se um ornamento e regalo vulgar em todas as casas de não profundissima indigencia: nem nos assustem os prêços exorbitantes, que por uns moveis, tão faceis, nos virão pedindo mercadores francezes; tambem na nossa terra ha terra, tambem nos nossos braços ha mãos, e mãos e terra são tudo quanto é mister para tal industria: ¿haveria entre nossos fabricantes de loiça um só, tão decepado, ou tão parvo, que se lhe alguem encommendasse um disso, que os francezes chamam *poele*, e nos mandam pesado a prata, o não fizesse mui cabal e primoroso, e sobre tudo mui barato?

O inverno vai rijo; consultai hoje mesmo o vosso medico; ámanhã encommendai um *poele*; no dia seguinte, se nos encontrarmos, dar-nos-heis os agradecimentos.

X.

SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA.

FRANÇA.

49 PUBLICOU ha pouco a Sociedade promotora da industria nacional de França, uma especie de manifesto, em que resumidamente expõe os descobrimentos, e melhoramentos, que ha promovido, animado, e premiado, desde a sua fundação.

E' elle de tamanho interesse, que julgamos dever ser traduzido no idioma de todas as nações que prezão o progresso intellectual. Diz assim:

« Tendo-se formado em París, ha annos a esta parte, alguns estabelecimentos, cujo instituto é analogo ao da Sociedade Promotora da Industria Nacional, do que tem resultado confusão para o publico; a mesma sociedade julga dever fazer a seguinte exposição:

« A Sociedade Promotora da Industria Nacional foi fundada em 1802; foi seu programma o aperfeiçoamento de todos os ramos da industria franceza; eis os principaes meios de que até hoje se tem servido:

« 1.º— Distribuição de premios, e medalhas d'animação, por invenções e aperfeiçoamentos nas artes uteis.

« 2.º— Experiencias diversas para avaliar os methodos novos, ou para resolver os problemas das artes.

« 3.º— Publicação de um folheto mensal, distribuido exclusivamente aos membros da sociedade, com a narração dos descobrimentos uteis para a industria, feitos em França, e nos paizes estrangeiros.

« 4.º— A manutenção de alguns discipulos nas escholas veterinarias, na eschola central das artes e manufacturas, na do desenho e mathematica, na de agricultura, e em varios outros estabelecimentos.

« Distribue além disto a sociedade, de quatro em quatro annos, medalhas aos officiaes de todos os estabelecimentos de industria, e de agricultura, que se distinguem por seu bom comportamento, e aptidão.

« Por meio de premios annuaes tem a sociedade conseguido juntar o seu nome a quasi todas as conquistas industriaes com que a França se tem enriquecido ha quarenta annos, taes como: o aperfeiçoamento do ferro, e das fundições de ferro; o fabrico da folha de Flandres, do aço fundido, do arame de ferro, e de aço, das agulhas, das limas, das ferramentas, dos parafusos de madeira, do alvaiade, da pedra pomes, das pedras preciosas artificiaes, das artes *ceramicas*, das argamassas hydraulicas, das almécegas, do grude, dos vernizes sobre metaes, do aperfeiçoamento das machinas de vapor, dos apparelhos para aquécer e allumiar, das armas de fogo, das serras, dos prélos typographicos, da encadernação, da gravura em madeira, da lythographia, dos pentes de tecelão, da tinturaria, etc. etc.

« Além destes aperfeiçoamentos, tem produzido os concursos propostos pela sociedade magnificos resultados; a elles se deve o bastidor de *Jacquart*, que produzio uma completa revolução nas fabricas de tecidos; o engenho de fiar, do mesmo author; o anil artificial, invenção tão importante quanto inesperada; a industria da casquinha de ouro, e de prata, de que a Inglaterra tinha o monopolio; a imitação do couro da Russia, etc. etc.

« Tambem se deve á sociedade a publicação d'algumas obras sobre os poços artesianos, que tanto se hão generalisado; a extracção do marmore do paiz, e seu emprego economico em pavimentos mosaicos; a applicação do chlorureto como desinfectador de matérias organicas, bem como do ar atmospherico, de logares subterraneos, etc.

« E' tambem por meio de suas instigações, e publicações, que se tem propagado, e acreditado, o processo de *Appert* para a conservação das substancias alimentares, serviço consideravel feito á marinha, á economia domestica, á pharmacia, e á humanidade.

« Foi a sociedade quem promoveo e dirigio a importação em França das machinas necessarias para facilitar o fabrico dos pannos de lã, que tanto concorreram para a baixa de seu preço, e por consequencia para o augmento do consumo.

« A maior parte dos aperfeiçoamentos da lithographia, depois da sua introducção em França, são resultado dos premios que sobre este objecto prometteu.

« A industria da sêda tambem lhe deve o grande desenvolvimento que tem adquirido desde 1808 até hoje, especialmente a sêda branca da China, que sómente se obtinha em dois estabelecimentos.

« Tem por derradeiro a sociedade poderosamente contribuido para o bom resultado das machinas de fabricar papel, para as estamparias sobre tecidos, couros, etc., para a cultura do assucar de beterraba, para o fabrico dos vidros córados de duas camadas, á moda de Bohemia, para o fabrico das garrafas com a fortidão necessaria para conterem vinhos espumósos; e para muitos ramos da economia rural, taes como a creação dos carneiros merinos, a cultura dos prados artificiaes, a sementeira de pinhaes, e a propagação das multicaules.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

50 NA conferencia de 19 do corrente mez foi unanimemente approvado socio correspondente d'aquella Associação o Snr. Sebastião d'Almeida e Brito, Advogado na Cidade do Porto, em consequencia de proposta feita pelo Snr. Beirão, e Abel Maria Jordão, Vice-Presidente. Deu motivo a esta proposta a impressão que fez o discurso proferido por aquelle illustre Advogado, na Audiencia do dia 10, perante a Relação do Porto, em defeza de D. Miquelina Adelaide Ferreira de Figueiredo, accusada, e convencida, do crime horrivel de ter assassinado cruelmente a amante de seu marido, e que já estava occupada de seis mezes. O Juiz de 1.ª Instancia havia condemnado a ré a degredo perpetuo para as Pedras Negras, porem a Relação do Porto commutou esta pena em 10 annos de prisão. O mesmo illustre Advogado se ha distinguido muito em outras causas célebres, o que levou a Associação dos Advogados de Lisboa a tributar-lhe a sua admiração, e a enviar-lhe o diploma de socio correspondente.

* * *

SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA DE LISBOA.

Curso Publico e Gratuito de Geographia.

PROGRAMA.

1.ª Parte.

51 Geographia Mathematica — Sphericidade da terra. — Sistemas (*em geral*). — Instrumentos (*Spheras* ou *globos*, e *cartas* ou *mappas*). — Pontos, linhas, e circulos considerados na sphera. — Posições da sphera. — Systema de Ptolomeu. — Systema de Copernico. — Phases da Lua. — Systema do Mundo.

Geographia Physica — Principios geraes. — Divisões physicas do globo. — Phenomenos. (*Equinocios e desigualdade dos dias.* — *Solsticios.* — *Eclipses.* — *Estações.* — *Climas.* — *Ventos.* — *Nuvens.* — *Trovões.* — *Chuvas.* — *Volcões..* — *Tremores de terra.* — *Fogos fatuos.* — *Exhalações.* — *Auroras boreaes* — e *Marés.*

Pontos relativos da sphera.

Problemas.

Geographia Politica, ou Historica — Principios Elementares.

2.ª Parte.

Europa.

3.ª Parte.

Asia.

4.ª Parte.

Africa.

5.ª Parte.

America.

6.ª Parte.

Occeania.

7.ª Parte.

Portugal.

8.ª Parte.

Geographia Antiga.

No começo de cada prelecção se fará uma recapitulação succinta da antecedente.

No dia 22 de Fevereiro (terça feira), haverá um discurso de inauguração, comprehendendo — a origem e progressos da Geographia — seu estado actual — vantagens do seu estudo — e methodo que se ha de seguir neste Curso.

As Prelecções serão impreterivelmente todas as terças feiras, excepto quando for dia santo, porque então terão logar no dia lectivo immediato; sendo a hora desde as 7 até ás 7 e 3 quartos da tarde.

UM LIVRO FRANCEZ PARA PORTUGUEZES.

52 Saíu á luz em Paris nos primeiros dias do presente anno um formoso volume de 230 paginas intitulado — *Au bord du Tage* — e composto por Mademoiselle Pauline Flaugergues. Do apreço, em que o terão os Francezes, bom argumento nos sejão os altos louvores, com que os seus jornaes, e nomeadamente o *Correio Francez*, e o *Monitor Parisiense* o saudáram. Esses louvores com razão os repetiu, entre nós, a *Abelha* no seu numero 33, confirmando-os com o seu suffragio.

Por nós, e para nós foi feito esse livrinho, que de toda a parte está recendendo tanto affecto para com Portugal e portuguezes, quanto nunca jámais em estranha lingua se exprimíra. Mademoiselle Flaugergues, com quem nós tivemos a fortuna de tratar amisade e letras nos ultimos tempos de sua estada em Lisboa, não podia deixar de pôr em seu alaúde as suavidades do nosso céu, as memorias saudosas, e as grandezas ainda vivas, que tanto amplificão o nosso pequeno torrão; e sobre tudo o affecto, com que a sua Musa foi entre nós devidamente recebida, apreciada, e festejada.

Mademoiselle Flaugergues, que hoje hombrêa com as principaes poetisas de sua patria, as quaes não são poucas, nem de pequeno vulto, d'entre ellas se estrema, segundo nos parece, por mais de um respeito. Não pretendemos estabelecer odiosas comparações, quasi sempre temerarias, e raras vezes desapaixonadas; registamos unicamente um facto, sem querermos inferir d'elle nenhuma consequencia, que possa ferir pessoaes melindres, e muito menos a justiça. Energica e muitas vezes sublime como Madame Emile Girardin; graciosa, e ao mesmo tempo sabia como Madame Amable Tastu; lirica e florida como Madame Desbordes Valmore; melancholica e apaixonada como Madame Dufresnoy, Mademoiselle Flaugergues, pelo rumo que sua propria indole, suas reflexões, ou suas penas hão dado ao seu poetar, entre ellas apparece como o auctor das *Meditações* entre os extraordinarios poetas seus contemporaneos; é ella o Lamartine do seu sexo.

Todos os pequenos trêchos dispersos, de que se compõe a collecção, que annunciamos, e todos quantos escriptos até hoje conhecemos de sua penna, são repassados de todos quantos nobres amores se podem sentir, excepto unicamente aquelle, a que o nome de amor se costuma dar por excellencia, e o que desde Sapho até nossos dias tem quasi sempre sido o exclusivo e inexgotavel assumpto das mulheres auctoras; porque o amor, como bem o advertiu a eloquente philosopha Madame de Stael, o amor, que na existencia dos homens não é mais do que um episodio, é a historia inteira da vida das mulheres: afóra este, que a nossa poetisa, ou nunca experimentou, ou nunca se dignou de cantar, mas que fosse entre lagrimas, como Dufresnoy, todos os outros vivem no seu coração, e conhecem perfeitamente as mais secretas passagens para virem de lá até os nossos; a piedade religiosa com todos seus arrojos, tão indubitavelmente liricos; a affeição indelevel áquella santa e indefinivel cousa da patria; o culto aos laços naturaes do sangue, e a essoutros, não menos naturaes e indissoluveis, os da amisade; emfim, a sympathia para quanto no Universo se contém de nobre, de grandioso, de bello, de saudoso, de melancholico, ou de aprasivel, eis ahi o que ella sente, o que ella sabe, o que ella respira, o que ella é; eis ahi, em summa, o que é o seu livro: n'elle se contém a poesia mais virginal, que uma boa mãi possa, e deva deixar ler a suas filhas; e uma das mais bem allumiadas de verdadeira inspiração christã, que em nossos tempos se têem levantado dentre os gelados e tempestuosos nevoeiros da imprensa européa.

Sinceramente nos peza agora que o forçoso aperto destas paginas, e a sobriedade, com que nellas se têem de libar quantos objectos se não refirão directamente ás vantagens, que são para todos, (e de que tão poucos fazem caso) nos não permittão, para prova do que levamos dicto, copiar, vertidos em linguagem, alguns passos deste volume, onde o escolher é por ventura o mais difficil; contentemo-nos, ao menos por hoje, com apontar alguns dos titulos do seu contheudo, — *Le foyer eteint*; *L'alcyon au cap*, com traducção pelo Sr. Garret, *Les tribus exilées*; *Souvenirs de la patrie*, *Adieux à une amie*; *Consolation*; *Leila ou l'orpheline de Grenade*; *Palmina, ou la harpe magique*; *Prière d'un petit nègre nouvellement baptisé*; *A Mr. Almeida Garret, sur son poème de Camões*; *Fragment écrit à Cintra*; *Le chateau des Maures, et le couvent de liege*; *Doux souvenir*; *Chant pour l'inauguration de N. D. de l'ile*; *Souvenez vous de moi*; *L'étoile du poete*; *L'antre de Viriate*; traduzido da Lirica de João Minimo do Sr Garret; *Sur deux oiseaux qu' on avoit separés*; *Le soleil, fragment traduit du portugais*; *Grenade*, *fragment d'un ouvrage inédit sur l'Espagne et le Portugal* — este fragmento rico de discripção e de historia faz esperar com ancia pela obra,

a que pertence — *Ta douce voix sèche mes larmes ou une orpheline*; *L' Etoile des Mers, hymne à la Vierge*; *Soufflez pour moi, vent du retour*; *Les inondations et la charité chétienne*; *La cathédrale de Rodez*; *Une voix du ciel*; *Espoir*; etc. etc. etc.

Poucos exemplares d'esta collecção vieram remettidos para Lisboa, e se achão na loja do Sr. Langlet ao Poço das Almas: os curiosos, que desejarem possuil-a, deverão apressar-se.

A. F. de C.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

53 Questão ácerca do agio da moeda papel no preço do contrato do tabaco. Peças principaes da acção de Manoel Joaquim Pimenta e Comp.ª, e Lino da Silveira e Comp.ª, contra o Conde de Farrobo, e por elle offerecidas ao respeitavel publico como um testemunho da justiça e bôa fé com que se defendeu e continúa a defender-se, no recurso d'appellação que interpoz para a Relação de Lisboa.

———

Resumo das reflexões historicas e philologicas de João Pedro Ribeiro, por S. A. P. = Vai sahir á luz o resumo deste importante e rarissimo livro. Hade ser publicado em duas partes separadamente, e cada uma não conterá menos de dez folhas, e provavelmente mais. O preço de toda a obra é de 600 reis para os Snrs. Subscritores, pagos por duas vezes á entrega de cadauma das duas partes.

———

Sahio a 14.ª folha do Directorio Fundamental d'instrucção primaria; obra classica e de particular utilidade a todos os commerciantes, caixeiros, e pessoas addidas ao tracto mercantil. Subscreve-se por 50 reis, para esta obra que deitará 20 folhas de impressão, e depois será vendida avulso a 800 reis na loja de Bordallo, rua dos capellistas n.º 20.

HESPANHOLA.

54 Tratado pratico das enfermidades siphyliticas, com os differentes modos de cural'as, e modificações que se lhes devem fazer, segundo a idade, sexo, temperamento, clima, e estação. Traduzido do Francez por D. L. F. de la Selva.

As leis illustradas pelas sciencias physicas, ou Tratado de Medicina legal e de Hygiene publica, por Foderé, e traduzido em castelhano por J. D. R. C.

Compendio elementar de direito canonico, precedido de um resumo historico do mesmo, e augmentado com succintas noções de direito publico ecclesiastico, pelo Bacharel Miguel Maria Sanchez Ugarte.

Elementos de pratica forense, por D. Lucas Gomes y Negro, 4.ª Edição.

Lições de Direito publico constitucional para as escholas de Hespanha, por R. Solar, Doutor em Salamanca.

Elementos da Sciencia da estatistica, por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, Socio da Academia Real das sciencias de Lisboa, traduzidos em castelhano, por Vicente Diez Canseco.

Miscellanea de alguns folhetos já impressos, e escritos inéditos sobre instrucção publica, agricultura, commercio, portos francos na Peninsula, alfandegas, contrabando, fabricas, marinha, e outros objectos de geral interesse para a Hespanha e América, por S. Lobé. 1 vol. em 4.º

A minha segunda viagem á Europa nos annos de 1840 e 1841, por S. Lobé.

Cartas a meus filhos durante uma viagem aos Estados Unidos, França, e Inglaterra, nos ultimos 7 mezes de 1837. 1 vol. em 8.º

BIBLIOGRAPHIA MODERNA ALLEMÃA.

55 Supplemento ás obras de Goethe, por Boas.

Recordações de Goethe, por Riemer.

Poesias de Tiek.

Poesias de Geibel.

Poesias de Kopisch.

Obras completas de Teidge.

Phonologia, ou grammatica natural, por Wocher.

Manual da historia das artes, por Kugler.

Memorias sobre o congresso de Vienna, por Varnhagen.

Historia do Texas, por Scherpf.

Viagens de Alexandre Humboldt á America e á Asia, publicadas por Lowenberg.

Tomo 5.º do Exame critico da historia da geographia do novo mundo, por Lowenberg.

Viagens pela Europa, Asia, e Africa, desde 1835 até 1841, por Russegger.

Viagens á Russia e Polonia, por Kohl.

Cartas de Moltke sobre a Turquia.

Viagem á Batavia, por Heinzen.

Viagens pela Algeria, por Waquer.

Historia dos vandalos na Africa, por Pappencordt.

Recordações de Marrocos, por Augustin.

Manual de historia universal christã moderna, tomo 1.º

Taboas chronologicas da historia de Florença, por Reumont.

Manual da historia da philosophia (tomo 2.º, historia da philosophia da idade media), por Masbach.

1.º lição de Schelling, sobre a philosophia da revelação, dada em Berlim a 15 de Novembro de 1841 (veja-se o nosso artigo 37 d'este vol.)

Manual da historia litteraria de todos os povos conhecidos do mundo; tomo 2.º, contendo a historia litteraria dos mais famosos povos da idade media; por Grasse.

Bibliotheca dos auctores classicos romanos, por Bernhardy.

Epigrammas de Martial, traduzidos por Schneidewin.

Fragmentos das obras de Cezar Augusto, por Weichert.

Encyclopedia de philosophia, por Herbert.

Repertorio da litteratura historica da Allemanha, por Lederbier.

Swedenborg, e os seus antagonistas, por Tafel.

Historia critica da typographia, por Koch.

Taboas chronologicas da historia da litteratura allemã, por Guden.

Manual de litteratura do direito criminal, por Kappler.

Sobre o principio moral do Governo, por Krauss.

Geologia de Leonhard.

Atlas geologico de Leonhard.

O Magnetismo animal, por Kirmsse.

O somnambulismo, por Fischer.

Historia natural das plantas, por Reichenback.

Bulletim annual dos progressos da medicina em todos os paizes, por Constadt.

Pathologia e therapeutica de Constadt.

Sobre a relação que ha entre a medicina e a chirurgia, por Walther.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Condeça n.º 19.